

PERDIDOS NA NOITE

CORREIO BRAZILIENSE

- 5 FEV 1997

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

Toda criança na escola. A frase, em tom de promessa, integra o programa de governo do

Partido dos Trabalhadores e do governador Cristovam Buarque, que diz ser esse seu principal objetivo.

Em Santa Maria, onde há 25 mil estudantes e apenas 12 escolas, a Diretoria Regional de Ensino (DRE) está conseguindo abrir vagas suficientes para cumprir a meta do professor Cristovam. Mas, para ter todas as crianças matriculadas, está forçando adolescentes a desistir de estudar.

No início do mês, os centros de ensino de Santa Maria receberam uma ordem da DRE. Todos alunos do primeiro grau que estudavam durante o dia e têm idade entre 15 e 17 anos seriam transferidos para o turno noturno de duas escolas — as das quadras 416 e 218. "Fizemos isso para assegurar vagas a todas as crianças com idade entre sete e 14 anos, o que é uma obrigação constitucional", justifica a diretora da DRE da cidade, Zilda Ana Gomes. Ela afirma que a transferência compulsória atinge mil jovens.

Entre os transferidos, há casos como o de Fabiana Moura Xavier, 16 anos. Até o ano passado, ela estudava no Centro de Ensino da quadra onde mora, a 213. "Foi difícil, mas consegui passar de ano com notas altas", conta. Agora, ela terá de se deslocar toda noite até a quadra 416 se quiser cursar a sexta série do primeiro grau.

O caminho, de 2,2 quilômetros, é esburacado e cheio de lama. Entre a

casa e a escola, sobram matagais e botequins. A iluminação pública é escassa, assim como o policiamento. Temendo ser vítima de violência sexual, Fabiana pensa em desistir de estudar este ano. "Se aqui é perigoso para a gente até de dia, imagine como será voltar a pé toda noite", comenta a adolescente, que sonha em ser estrela de música sertaneja ao lado da prima Érica Susana — com quem forma a dupla Susana e Susany.

FILHA BURRA

A história se repete na casa de Luciene Rodrigues Costa, 15, que mora na quadra 313 e também concluiu a quinta série no Centro de Ensino 213. Seus pais já decidiram que ela — a mais velha de três irmãs adolescentes — deixará a escola se tiver de estudar à noite na quadra 416. "Prefiro ter uma filha burra a ter uma filha morta", resume a mãe, Luzia, 34.

Luzia não sabe ler, mas aprendeu a interpretar os sinais que o perigo emite da rua. Aqui e ali, as telhas da pequena residência de dois quartos apresentam buracos do tamanho de um punho fechado. "Os marginais jogam pedra no telhado para saber se tem alguém em casa", explica a mulher magra, com aproximadamente 1,60 de altura. "Se ninguém grita depois de ouvir a pedrada, eles descobrem que não a casa está vazia e arrombam a porta para roubar as coisas da gente."

Para evitar que as três filhas fossem seguidas na volta da escola, Luzia as encontrava depois das aulas, no fim de tarde, e as acompanhava pelo caminho. Agora, não se sente segura para escoltar Luciene após

as 23h. Para a jovem, difícil é aceitar o fato de que talvez tenha de abandonar a escola ao mesmo tempo em que a irmã mais nova, Lucinete, estará cursando a sexta série no Centro de Ensino 213. Sua vaga está garantida porque ela tem 13 anos. "Podemos ser colegas de sala", comenta Luciene.

Na mesma escola, à noite, há aulas de supletivo. Por isso, diz Zilda Gomes, não é possível abrir ali turmas noturnas para o ensino regular de primeiro grau. As portas do supletivo também estão fechadas a Luciene porque a idade mínima para estudar nesse curso é 17 anos.

Ronaldo de Oliveira



Fabiana, de guarda-chuva, passa pelo caminho entre sua casa e a futura escola: "Imagine voltar a pé toda noite"

NO ESCURO

1000

alunos entre

15e17

anos
de Santa Maria
terão que estudar
à noite